



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

LONGE DA TERRA AMADA, SEREI SEMPRE AVE ARRIBADA.

VOANDO TENTANDO VOLTAR...

HISTÓRIAS DE TIETA, UMA TRAVESTI QUE SE FEZ EM TRÂNSITOS.

Danillo Bitencourt

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: danillobittencourtsantos@gmail.com

Marcos Lopes de Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: markuslopessouza@gmail.com

Era domingo. Estávamos, num ônibus coletivo, no sol forte de meio dia, em direção à zona rural de Vitória da Conquista, no povoado de Campinhos. Lá, iríamos encontrar com algumas travestis da cidade e comemorarmos juntas/os o aniversário de Tieta, travesti cearense que, há vinte e cinco anos, migrou do Ceará, da terra da Galinha Choca, como carinhosamente se conhece Quixadá, para a Bahia, transformando Vitória da Conquista em sua terra. *Aqui é meu lugar, bicha. Já tenho casa, amigos e até título de eleitor. No Ceará ficou minha família. Tenho saudades. Mas é aqui o meu lugar. Cidade boa de se morar. E aqui no Campinhos, melhor ainda. Já conheço todo mundo. Mas claro, quem não conhece esse arraso de travesti que sou.*

Conheci Tieta em dezembro de 2011. Aconteceu bem após a institucionalização municipal da política LGBT, na época em que eu estava na frente da Coordenação de Políticas LGBT. Portanto, este encontro com Tieta não ocorreu agora, já vinha de anos. Tieta se tornou a sujeita principal da minha pesquisa de mestrado. Dentre as várias travestis, ela aceitou participar de uma investigação em que busquei, entre outras coisas, discutir a construção da etnicidade dessa travesti, em trânsitos. Neste trabalho, entretanto, vou me ater a entender os elementos que mobilizaram Tieta a sair de Quixadá-CE e chegar até Vitória da Conquista-BA, como foram esses encontros e desencontros e quais res(ex)istências foram sendo construídas nessas viagens?

O tema das migrações é uma das questões mais atuais no mundo contemporâneo seja nos campos econômico, político e cultural, seja no campo acadêmico. Isso é justificado não apenas pelo enorme contingente de pessoas em fluxo ou que vivem em locais nos quais não nasceram, mas, também, pela dramaticidade e tensões vividas por migrantes e deslocados/as de várias origens. As migrações mais do que um fenômeno



econômico consiste em uma polissemia de significados.

Significados esses que se entrelaçam nessa teia de relações que vamos traçando em nossa caminhada. São rotas, de-rotas, mudanças de rotas. Migração e mobilidade são fenômenos constituintes da experiência contemporânea. Estar no mundo, hoje, é conviver com a mobilidade e a migração e todas suas implicações. Do ponto de vista existencial, esta é uma experiência desconcertante, em que as referências espaciais e socioculturais são reconstituídas, num processo que envolve e atinge o próprio cerne da autoidentidade.

Refletindo, então, essa migração com travestis, vemos que a transfobia institucionalizada nas relações cotidianas forma a base para as diversas migrações vividas, tanto no Brasil quanto no exterior. Ressaltam-se aqui como as relações de poder baseadas nas identidades de gênero e na sexualidade impactam no campo da imigração. Podemos, talvez, pensar, que a não inteligibilidade dos corpos subversivos leva de fato a um exílio, a uma exclusão do meio social. “Se certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras” (BUTLER, 2003, p. 63).

Tieta foi uma das travestis que migrou, a Tieta-adolescente é escorraçada da pequena cidade de Quixadá-CE, no Nordeste brasileiro, pela mãe, irritada com seu comportamento transgressor e pelo envolvimento com o pároco da Igrejinha de Jesus, Maria e José. A Tieta-jovem que foge do conservadorismo e começa a se prostituir. A Tieta-adulta que migra por tantos cantos desse país. E a Tieta, de hoje, que se estabelece na cidade de Vitória da Conquista, e constrói relações com tanta gente.

Sou do Ceará, porque eu nasci lá. Mas sou um pouco desse Brasil. Já passei em tantos lugares e, com certeza, cada pedacinho desses que passei deve ter me ensinado alguma coisa. Tanta rola que chupei, tanto cu que comi, nada é igual. Cada um tem seu borogodó... Agora tem um pedaço bem grande da Bahia no meu coração. Foi aqui que me senti mais em casa. Tenho até casa própria e título de eleitor. Sou uma cearense-baiana ou uma baiana que veio do Ceará? Quem sabe, só sei que sou uma misturada doida... Tem tanto esperma dentro de mim que nem sei dizer se sou só uma coisa ou outra... sou de tudo um pouco e tenho um pouco de cada homem desse mundão, dentro de mim. Uma coisa, eu sei. Sou travesti!



E, nessa caminhada com Tieta, fiz deslocamentos vários. Fui percebendo que as fronteiras traçadas entre ser masculino e ser feminino são mais porosas e penetráveis do que nos fizeram crer. Centros sempre tiveram suas periferias; e as periferias, por sua vez, sempre tiveram seus centros. Foram as ideias dessas periferias centrais que me impressionaram, pois foram suficientemente potentes para se transformarem em textos e viajarem. E, nessa viagem, há os/as que escapam, que fogem.

São essas fugitivas e esses fugitivos aquelas/es sujeitas/os das periferias centrais. Aquelas pessoas cujas subjetividades foram marcadas pela depreciação de sua cor, pela patologização de seus desejos, pela depreciação da sua ciência pouco ortodoxa. É esse rebuliço que me interessa. Por seu potencial político, essas pessoas me interessam. “É necessário abrir a caixa preta dos processos de construção do gênero e da sexualidade que, se são construídos, podem ser desconstruídos, reconstruídos, manipulados, transformados etc.” (PRECIADO, 2014, p. 4).

Tieta passou por vários lugares e se transformou continuamente: *já morei em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, em São Paulo, na capital, em quase todos os interiores de São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul. Já fui para Santa Catarina. Já rodei tanto, fia. Conheci muita gente. Gente boa e gente ruim. Uma experiência de vida. Mudar de ar, de grupo, juntar com os outros. Agora, tô aqui, em Conquista. Só esperando a hora de bater minhas asinhas. Só engordando para ir pro matadouro.*

Então, entramos nesse emaranhado. Com Tieta e suas histórias. Compreender os laços construídos entre as cidades e os impactos desses deslocamentos nas relações com os familiares, com a cidade de origem, com o universo das travestis e, particularmente, nas definições de contornos sobre o ser conquistense. “É através da mobilidade na migração entre lugares que as travestis alcançam o mais importante em suas trajetórias de vida enquanto pessoas que buscam, nesta circulação, dar certo na vida” (CECÍLIA PATRÍCIO, 2008, p.139-140).

Assim como relatado em outros trabalhos sobre migração, as travestis compartilham a experiência desalentadora do início. A chegada ao local de destino se revelou assustadora para nossa pesquisada, marcada pela dificuldade em encontrar novas amizades, o clima, as diferenças na negociação quando do estabelecimento do contrato com o cliente e o receio de não conseguir pagar a dívida contraída ao migrar. Ela mostra-nos, também, uma migração realizada por outros elementos, para além dos



econômicos. Há outras motivações. São vários outros escapes. Um estudo rico que nos faz enxergar a migração como um elemento fundamental do processo de construção das travestilidades. São, assim, “desplazamientos espaciales (...) también trãnsitos por los limites de un territorio corporal” (VARTABEDIAN, 2014, p. 284).

Saí da Galinha Choca com 13 para 14 anos. Me assumi com 12 anos. O padre me comeu e aí minha mãe não aceitou porque ele me chupou no pescoço, sabe aquele chupão assim, chupou todinho, menina. A história foi assim... minha mãe me deu uma blusa no Natal. Lembro como hoje: uma blusa verde-limão. Verde-limão, não, verde-lodo. E ela era assim de manga. E eu não tirava essa blusa, por nada. No dia que ela mandou eu tirar essa blusa e me viu sem blusa, ela viu o chupão, pense... o cabo de vassoura cantou nas minhas costas. E aí eu tive que falar... foi o padre. E olha que eu estava fazendo o catecismo, e nas horas vagas eu aproveitava para aquendar o padre, fazer uma gulosa. Ela então me botou para fora de casa e disse que ia denunciar o padre na delegacia, pois eu era uma criança, né? Aí eu corri até ele e falei: Ó, minha mãe deu parte de você porque você me abusou e eu sou de menor. Ele me deu um monte de dinheiro. Na época, eu acho que foi mil cruzeiros e me deu carona até a saída de Quixadá. Me piquei. Conheci uma bicha e fiquei num cabaré. Com o dinheiro da igreja, me joguei na pista. Nesses locais que passei, conheci um grupo de montadas, travas e operadas, que me ensinaram os truques e me fizeram travesti.

Aqui, a história se repete como em tantas outras experiências de pessoas travestis. São vulnerabilidades mapeadas, violências localizadas. Muitas vezes, a violência que cerca a vida das travestis não se restringe ao aspecto físico – para a maioria delas, começa em casa, quando são expulsas ao iniciar a transformação, o que acontece, em geral, antes dos 18 anos (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008). Ser expulsa pela família é algo comum entre elas. Algumas, ao sair de casa e procurar um espaço que possa melhor vivenciar sua travestilidade, definem a rua e a prostituição como porto seguro, fonte de sustento e construção de afinidades.

Ao compartilharmos algumas das especificidades desse universo, cujo marco parece ser a experiência da (re)invenção do corpo, percebemos que os deslocamentos não se restringem ao corpo, as relações sociais são (re)configuradas e forçam o alargamento de conceitos como ajuda e família. Pude nesse encontro perceber o quanto a migração é capaz de criar estratégias para sincretizar alteridades, produzir redes de



colaboração e solidariedade e, enfim, construir formas de resistência e liberdade. É uma vida coletiva com mais conexões e cooperação. “É conjunto de outras vozes e narrativas dissonantes, enunciadas por mulheres, pelos loucos, pelos colonizados, pelos traços, incluindo aqueles que portam sexualidades e comportamentos constantemente policiados” (WALDELY et al., 2015, p. 244).

Afinal, não é algo fácil estar num lugar diferente. Deslocamentos operam desestabilizações. A fuga, a saída, o deslocamento em si e mesmo a chegada são movimentos que rompem estruturas e dialogam com relações de poder, num exercício de poder-saber e produção de verdades sobre o que são imigrantes. Vidas em migração e na subalternidade ou experiências de viver no exílio geram uma nuance de dor, de perda, de lamento e de desagregação que se transforma em matéria fértil para narrativas recorrentemente moldadas sob um viés realista de sofrimento. Mas há também um olhar de destaque a tantos nós que, retomando a reivindicação de Spivak (2010) da necessidade de escrever histórias alternativas com a contribuição dos grupos não-hegemônicos. Voz e visibilidade aos/às subalternos/as. Produzir liberdade, justiça e direitos.

PALAVRAS-CHAVE: Travestilidades; Migração; Identidades; Resistências.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CECÍLIA PATRÍCIO, Maria. **No truque:** transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

KULICK, Don. **Travesti:** Prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. (C. Gordon, trans.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual. práticas subversivas de identidade sexual.** Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SPIVAK, Chakravorty. Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010;



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

VARTABEDIAN, Julieta. Migraciones trans: travestis brasileñas migrantes trabajadoras del sexo en Europa. **Cadernos Pagu**, n.42, pp.275-312, 2014.

WALDELY, Aryadne Bittencourt; SOUZA, Fabricio Toledo de; THEUBET, Matteo Louis Raul Meirelles; TAVARES, Natalia Cintra de Oliveira; NEPOMUCENO, Raísa Barcellos. Migração como crime, êxodo como liberdade. **REMHU – Revista Interdisciplinar Mobilidade Urbana**. Brasília, Ano XXIII, n. 45, p. 235-247, jul./dez. 2015.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO